

A Leitura da Linguagem Poética e a Produção Interacional de Conhecimentos.

Siomara Ferrite Pereira Pacheco

Introdução

Temos por pressuposto que a leitura ainda é uma atividade desenvolvida na escola como mecanismo de decodificação, o que não propicia ao aluno a produção de conhecimento, ou seja, que o mesmo desenvolva seu raciocínio e, conseqüentemente, sua avaliação do texto, sobretudo quando se trata de um texto em linguagem poética, o qual exige maior profundidade interpretativa, haja vista que conjuga as leituras intra e intertextual.

É o caso do texto selecionado para análise neste artigo, Brejo da Cruz, em que o autor, Chico Buarque de Hollanda, compositor consagrado em nossa Música Popular Brasileira, oculta-se para expressar-se em relação à sociedade, em especial ao migrante nordestino.

O Discurso Fundador na Leitura Intertextual.

Parte-se do pressuposto de que o processo de levantamento e seleção de inter-textos pode ser iniciado pela polifonia textual¹ presente no texto-base (que neste trabalho corresponde a Brejo da Cruz, de Chico Buarque), no intra-texto, de forma a orientar a busca de textos que podem ser considerados intertextualizados a ele tanto por adesão ao ponto de vista quanto por oposição.

A hipótese que norteia este trabalho é a de que o poético é uma estratégia pela qual o sujeito assume o “papel” de representar o “que se quer dizer” por meio de “como se diz”. Isto quer dizer que o locutor expressa-se pela voz do(s) enunciador(es), em uma alteridade em que o “outro” está na voz do “eu”.

Assim sendo, o enunciador fala de um lugar determinado, instaurado pela prática social discursiva, dentro da qual assume determinado papel. No caso do uso poético da linguagem, a interação comunicativa legitima o enunciador a se expressar agramaticalmente em relação ao sistema da língua, sem a noção de erro, com o objetivo de causar o belo.

Esse sujeito enunciador representa uma heterogeneidade de vozes no interior de seu texto, sendo tanto “mostrada” quanto “constitutiva”, entendendo-se a primeira como aquela que é citada, ou seja, traz marcas explícitas de outro enunciador, enquanto a segunda é interdiscursiva e/ou intertextual e relacionada às idéias e não à expressão lingüística, segundo Maingueneau (1987).

¹ Entende-se polifonia, conforme Ducrot (1987), como a multiplicidade de vozes que se encontram no interior do texto.

A intertextualidade², portanto, se dá ou por retomadas (inter-texto expresso no texto-base por fragmentos enunciados), ou por processos de intertextualização de forma a corresponder à construção de figuras intertextuais.

Nesse sentido, analisar o poético enquanto uma estratégia discursiva pressupõe, primeiramente, observar o caráter dialógico da linguagem, noção originária dos estudos de Bakhtin, que concebe a linguagem como ação, havendo, portanto, uma relação entre sujeitos e dos sujeitos com a sociedade.

Portanto, seja qual for o processo utilizado, entende-se que o leitor deverá buscar primeiro o discurso/texto fundador do texto em foco, e, após a interpretação feita pelas relações estabelecidas no intra-texto, procurar as relações inter-textuais para a produção de sentido a partir do que lhe causou estranhamento e que não pôde ser resolvido no próprio intra-texto.

Dessa forma, considerando-se o questionamento ao qual o autor submete-se no momento da criação de seu texto, podemos chegar ao discurso fundador do texto em questão. É o caso do texto de Chico Buarque, que pode apresentar como discurso fundador o texto de Aníbal Machado, Silêncio na construção, uma vez que o mesmo se encontra na área temática de Brejo da Cruz e constitui o ponto de partida para a elaboração do outro texto.

Nesse sentido, por uma leitura intertextual, focalizar-se-á, neste momento, como o marco de cognição social³ é avaliado pelos produtores dos textos Brejo da Cruz (de Chico Buarque de Hollanda) e Silêncio na Construção (de Aníbal Machado), de forma a construir a opinião no leitor em relação ao mesmo.

Intertextualização em Brejo da Cruz

A novidade
Que tem no Brejo da Cruz
É a criança
Se alimentar de luz

São jardineiros
Guardas-noturnos, casais
São passageiros
Bombeiros e babás

Alucinados
Meninos ficando azuis
E desencarnando
Lá no Brejo da Cruz

Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz

² Entendemos a intertextualidade como estratégia recursiva do leitor para produção de sentido no texto poético, uma vez que ela permite a recorrência a outros textos e a outros discursos, que se encontram ligados, em sentido estrito ou em sentido amplo, segundo Koch (1996). Em sentido estrito, a intertextualidade pode ocorrer de forma explícita ou implícita, ao passo que em sentido amplo, apresenta-se sempre de maneira implícita.

³ Entende-se como marcos de cognição social conceitos avaliativos pré-concebidos que, por estarem instaurados, propiciam a reprodução da ideologia do grupo. Tal concepção tem por base teorias da Análise Crítica do Discurso. Dessa forma, segundo van Dijk (1987) marco de cognição social é um conjunto de conhecimentos e atitudes compartilhadas por um grupo (p.260). Quanto à questão ideológica, esta é uma forma de a classe dominante impor persuasivamente sua opinião e legitimar seu poder sobre a classe dominada.

Eletrizados
Cruzam os céus de Brasil
Na rodoviária
Assumem formas mil

Uns vendem fumo
Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro
Cego tocando blues

Mas há milhões desses seres
Que se disfarçam tão bem
Que ninguém pergunta
De onde essa gente vem

São faxineiros
Balançam nas construções
São bilheteiras
Baleiros e garçons

Uns têm saudade
E dançam maracatus
Uns atiram pedras
Outros passeiam nus

Já nem se lembram
Que existe um Brejo da Cruz
Que eram crianças
E que comiam luz

(Brejo da Cruz, Chico Buarque)

O texto-base desta investigação, Brejo da Cruz, de Chico Buarque, trata da questão do migrante nordestino, que sai da sua terra, devido às escassas condições de sobrevivência causadas pela seca e vai em direção às grandes cidades do sul/sudeste, consideradas favorecidas economicamente, em busca de melhores condições de vida.

Este, todavia, não encontra um espaço na sociedade, devido ao preconceito existente no grupo social-geográfico do eixo sul-sudeste brasileiro. Tal preconceito é fruto de uma ideologia que considera o nordestino um ser indolente, irresponsável, ignorante, incapaz e oportunista, devido ao seu movimento de “ir-e-vir”, pois sai em direção ao sul/sudeste quando sua terra encontra-se em período de seca provocada pela estiagem, no sertão principalmente, e para lá volta, quando chove, mas sempre dependendo da ajuda de alguém.

O poeta Chico Buarque opõe-se a essa crença, que constitui o marco de cognição social do referido grupo social do eixo sul/sudeste, uma vez que deixa implícito em seu texto que o nordestino é capaz de sobreviver nesse lugar, vencendo o preconceito, assumindo funções que exigem certa responsabilidade para aprender e atuar, apesar de não exigirem alto grau de escolaridade nem experiência. O poeta mostra, ainda, a impossibilidade de fincar raízes, de obter propriedade sobre seu espaço físico, devido a esse preconceito implicado no referido marco.

Ao se analisar o texto *Silêncio na Construção*, de Aníbal Machado, produzido em tempo histórico anterior, propõe-se que o texto de Chico Buarque seja uma refuta a ele, pois ambos remetem-se ao mesmo marco de cognição social, embora dialogando intertextualmente de formas diferentes: adesão X oposição.

É nesse sentido que se propõe que o texto de Aníbal possa ser considerado o discurso-fundador do texto de Chico Buarque, uma vez que este encontra-se em oposição àquele, e também ao

marco de cognição social que avalia o nordestino como prejuízo à sociedade, situada no local para onde vem.

O nordestino é, na avaliação do referido marco, o que não tem responsabilidade, o que não colabora com o bom andamento administrativo da cidade, tendo em vista que não se fixa nela, devido ao seu movimento de “ir-e-vir”.

Para que se compreenda melhor a dialogia intertextual, enuncia-se, neste momento, o texto de Aníbal Machado:

Na última laje de cimento armado os trabalhadores cantavam a nostalgia da terra ressecada.

De um lado era a cidade grande; de outro, o mar sem jangadas.

O mensageiro subiu e gritou:

Verdejou, pessoal!

Num átimo os trabalhadores largaram-se das redes, desceram em debandada, acertaram as contas e partiram.

Parada a obra.

Ao dia seguinte, o vigia solitário recolocou a tabuleta: “Precisa-se de operários”, enquanto o construtor, de braços cruzados, amaldiçoava a chuva que devia estar caindo no nordeste...

(Silêncio na construção, Aníbal Machado)

Por uma leitura intertextual, faz-se necessário retomar a avaliação implícita no texto de Chico Buarque, que se encontra em oposição ao marco de cognição de seu grupo social.

O poeta Chico está refutando esse marco, pois representa os nordestinos como colaboradores por realizarem tarefas que as pessoas originárias da região não querem realizar, tais como as de babá, faxineiros, garçons, enfim, funções que não exigem alto nível de escolaridade, mas muitas delas exigem responsabilidade e idoneidade.

Eles, contudo, nunca serão do sul/sudeste, encontram-se, segundo o poeta, “disfarçados” para poderem sobreviver, para enfrentarem o preconceito que não os deixa fixarem-se, faltando-lhes uma “terra-natal”, o que está relacionado ao significado do termo “Brejo da Cruz”, que no sentido global do texto está relacionado a um lugar qualquer que represente o sofrimento e a peregrinação desses indivíduos.

Já, o texto de Aníbal está dando adesão ao marco de cognição social, pois mostra a irresponsabilidade dos trabalhadores nordestinos na construção, largando a obra quase no término (no último andar), uma vez que as condições de plantio melhoraram por lá (lugar da seca) por ter chovido. Esse texto está, pois, representando o julgamento que é feito do nordestino, avaliando-o como adversário do bom andamento administrativo da cidade, já que não se fixa nela, não inspirando, portanto, confiança para os que contratam sua mão-de-obra, que, no caso, é o empreiteiro da construção civil.

Dialogicamente, pode-se dizer que os textos encontram-se em polaridades avaliativas: o primeiro focalizando as dificuldades encontradas pelo nordestino que sai em busca de sobrevivência e dirige-se para cidades do sul/sudeste do país, onde enfrentam o preconceito existente com relação a ele; o segundo está avaliando o comportamento do nordestino como negativo, pois o ponto de vista do autor focaliza quem contrata sua mão-de-obra, e para o qual o retorno dos trabalhadores à terra-natal é um prejuízo, pois paralisa o trabalho que está sendo realizado.

A partir da leitura intertextual, chega-se tanto à pergunta quanto à resposta com base no discurso fundador: “quem é o nordestino?” “é o que vai e vem”. Essa resposta dirige o leitor a um caráter de ciganagem, como distúrbio racial e irresponsabilidade devido aos prejuízos que causa para onde vai.

Esse processo de intertextualização realiza-se por meio das “pistas” encontradas no texto, as quais serão oferecidas pelo produtor e devem ser captadas pelo leitor. Trata-se das saliências encontradas na agramaticalidade de itens-chave expressos no texto. Nesse sentido, Cavalcanti (1989) postula que um texto apresenta saliências uma vez que o produtor respeita o “princípio de cooperação” de Grice, segundo o qual o produtor deve ser cooperativo na medida em que deixa pistas para orientar o seu leitor por meio de palavras-chave. Assim sendo, o leitor reconhece as saliências formalizadas em língua e as processa, cognitivamente, como relevantes.

Como se sabe, a leitura é o processamento cognitivo das informações recebidas do texto. Segundo van Dijk (1983), o processamento cognitivo das informações é realizado, recursivamente, expandindo e reduzindo proposições, que têm natureza semântica. A expansão é produzida por inferências, recorrendo-se a conhecimentos já armazenados na memória a longo prazo, de forma a construir um n-tuplo de proposições.

Sperber & Wilson (1986), ao tratarem do processamento cognitivo das informações, postulam o “princípio da relevância”. Segundo esses autores, durante o processamento das informações, constrói-se um contexto cognitivo a partir das inferências e explicitações realizadas pelo leitor. Assim sendo, durante a leitura, o processador faz várias inferências e algumas delas são ostensivas, na medida em que propiciam uma multiplicidade de proposições, ampliando o cálculo de significação contextual.

O que enunciamos no início deste texto é justamente a não aplicação do princípio da relevância no ensino de língua materna e especialmente durante as atividades de leitura, o que produz a superficialidade na leitura de textos poéticos, no qual esse princípio torna-se fundamental para a produção de sentidos ao que se apresenta aparentemente estranho.

Dessa forma, em nossa prática pedagógica, temos observado que o conhecimento lingüístico não é suficiente para que o leitor produza sentido no texto poético. Assim sendo, torna-se necessário recorrer a conhecimentos extralingüísticos, tais como o conhecimento de mundo (ou enciclopédico) e de outros textos que são recuperados a partir de uma leitura intertextual.

O leitor, por meio da leitura intertextual, resolve problemas que não foram resolvidos no intra-texto e, no caso do texto poético, trata-se dos estranhamentos causados por enunciados que não se resolvem intratextualmente. Alguns desses enunciados produzem as figuras de linguagem, previstas nessa prática discursiva. Nessa perspectiva, entende-se o discurso como prática social que está em interdiscursividade com outros campos discursivos e que o texto é um tecido de vozes e de intertextos.

Assim sendo, o texto *Silêncio na Construção* de Aníbal Machado, encontra-se em adesão ao discurso fundador, uma vez que considera o nordestino o que pratica o ciganismo, quer dizer, o que não se fixa no lugar para o qual migra, causando, assim, prejuízo à economia da metrópole, geralmente localizada no eixo sul/sudeste do país.

O texto de Chico Buarque encontra-se modificado em relação ao discurso fundador, uma vez que se opõe a ele. Dessa forma, pode-se perguntar, então: “o que leva o nordestino a não se fixar geograficamente?”. E, nesse sentido, é preciso recorrer a conhecimentos enciclopédicos e verificar que essa prática é própria do brasileiro, pois quando este encontra-se em situação de sofrimento, de martírio, fortalece-se pela esperança, juntamente com a fé, que o leva a buscar meios de sobrevivência, não desistindo da luta jamais.

A leitura intertextual possibilitou mostrar a polaridade existente em relação ao tema abordado, tendo em vista que um texto dialogicamente opõe-se a outro na medida em que passa a ser uma resposta ao que foi produzido anteriormente.

O texto-base da análise proposta, portanto, é visto como uma refuta ao texto de Aníbal Machado, tendo em vista, sobretudo, a avaliação que ambos os produtores fazem em relação ao mesmo marco de cognição social.

Conclusão

Como evidenciamos, a intertextualidade é um dos fatores responsáveis pela produção de sentidos no texto, uma vez que ela propicia a leitura do que se encontra expresso linguisticamente na superfície textual, mas que não dá conta do que se encontra implícito.

Assim sendo, entendemos que se faz necessário rever a leitura no processo ensino-aprendizagem, de forma que realmente a escola proporcione ao educando o que é primordial no ato de ler: produzir conhecimento. É necessário, portanto, levantar o véu que se encontra na leitura de um texto, sobretudo em linguagem poética⁴.

Nos dias atuais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, postula-se o desenvolvimento de competências e habilidades. Assim, no que diz respeito à leitura, faz-se necessário e imprescindível o estímulo da leitura intertextual como forma de produção interacional de

⁴ Entendemos como poético uma estratégia de uso na qual o sujeito enunciator oculta-se para expressar, implicitamente, seu julgamento em relação ao referente.

conhecimentos. O resultado será um leitor maduro e consciente da necessidade de buscar as pistas no texto para uma produção de inferências que levarão à compreensão do mesmo.

Para se atingir esse objetivo é imprescindível reavaliar condutas pedagógicas e até mesmo políticas educacionais que cancelaram, de forma sutil, mas profunda, o ato de ler como um direito à cidadania.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **El metodo formal em los estudios literarios: introduction critica a uma poetica sociologica**. Tradução Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editora, 1994

DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Tradução bras. Campinas: Pontes, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução port. Campinas: Pontes, 1987

Van DIJK, Teun A. “El opinion e la ideologia em los editoriales”. In **Racismo y Analise critico de los medios**. Barcelona: Paidós, 1987.

_____. **Cognição, Discurso e Interação**. Trad. bras. de textos selecionados. São Paulo: Contexto, 1992.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.